



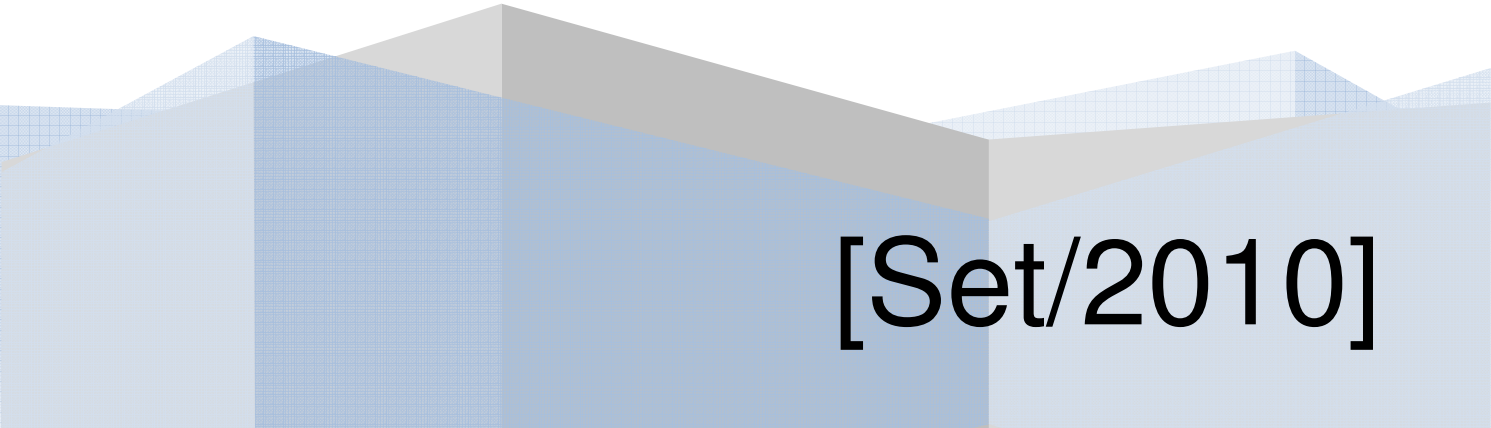
Departamentodas Ciências Sociais e Humanas

Cursos de Licenciatura em Educação de Infância

Ano Lectivo 2009/2010

Os contos infantis e as crianças do pré-escolar nos jardins-de-infância da cidade da Praia

MARIA JÚLIA TAVARES MORENO MOREIRA

An abstract graphic at the bottom of the page consisting of several overlapping, semi-transparent geometric shapes in shades of blue and grey, creating a layered, mountain-like effect.

[Set/2010]

MARIA JÚLIA TAVARES MORENO MOREIRA

**Os contos infantis e as crianças do pré-escolar nos jardins-de-infância
da cidade da Praia**

Trabalho científico apresentado na
Universidade de Cabo Verde para obtenção do
grau de licenciatura em Educação de Infância,
sob orientação da Dr.^a Marta Rocha

Aprovado pelos membros do júri, e Homologado pelo Reitor da Universidade de Cabo Verde, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Educação de Infância.

O Júri:

Presidente

Arguente

Orientador

Praia, ____ de _____ de 2010

DEDICATÓRIA

Em primeiro lugar à Deus, por ter-me dado força e coragem para alcançar mais uma etapa na minha formação acadêmica;

Em segundo lugar a toda a minha família e, em especial ao meu esposo Cipriano Tavares Moreno Moreira e filhos William Patrick e Wilma Ariana pela compreensão demonstrada durante as minhas ausências.

AGRADECIMENTOS

Na luta constante para alcançar os nossos objectivos, houve algumas pessoas que tiveram um papel determinante. Umas ensinaram-nos a construí-los, transmitindo-nos conhecimentos, apoio, coragem e os alicerces para os cimentar. Outras ajudaram-nos a reconstruí-los.

Só assim, conseguimos abrir mais esta porta da nossa vida. A todos, um muito obrigado!

Tendo em consideração todo o trabalho que dêmos a nossa orientadora que, inicialmente, foi uma professora amiga, que nos ajudava com muita boa vontade acabou por aceitar ser nossa orientadora, um reconhecimento muito calorosa a Dra. Marta Rocha pela forma sábia e atenciosa evidenciada durante toda a fase da elaboração deste trabalho.

Aos nossos professores, que ao longo desses quatro anos pelos momentos de reflexão nos levaram a descobrir novos caminhos, novos horizontes, a ter uma noção mais clara das coisas e a expor as nossas experiências e os conhecimentos e, a criar o espaço de colocar as nossas dúvidas permitindo que desenvolvêssemos as nossas capacidades.

Aos colegas do curso Educação de Infância pela compreensão que sempre mostraram em nos ouvir mesmo nas horas que a motivação faltava, e todos aqueles que contribuíram directo e indirectamente para que o presente trabalho se tornasse uma realidade.

Finalmente, o nosso reconhecimento aos nossos pais, aos nossos irmãos pelo estímulo que demonstraram, paciência e pelo esforço e sacrifício de uma vida inteira.

Índice

1. Introdução.....	1
Capítulo I - Fundamentação Teórica.....	5
1.1 Contos.....	5
1.1.1 História sobre contos	5
1.1.2 Tipos de contos.....	6
1.1.2.1 Conto de fadas	7
1.1.3 Teoria sobre os contos infantis.....	9
1.1.4 Importância dos contos infantis.....	11
1.2 Educação de Infância e contos	13
1.2.1 O que é Educação de Infância?	13
1.2.2 Implementação de Educação de Infância em Cabo Verde	14
1.2.3 Contos no Pré-Escolar	16
1.2.4 Estratégia na abordagem de contos	18
Capítulo II – Fundamentação Metodológica.....	25
2.1 Uma panorâmica dos métodos	25
2.2 Amostra.....	25
2.3 Instrumento de recolha de dados	25
2.4 Procedimentos	26
2.5 Análise de dados.....	27
Capítulo - III - Resultados dos dados.....	28
Capítulo - IV - Considerações finais e conclusões	43
Bibliografia.....	46
Disponível em http:// citador Webloy.compt/arquivo/007928.html	48
Anexo	49

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Sexo dos inquiridos	28
TABELA 2 - Idade dos inquiridos.....	28
Tabela 3 - Residência dos inquiridos.....	29
Tabela 4 - Formação sobre os contos infantis	30
Tabela 6 - Título da leitura do último conto.....	32
Tabela 7 - Em que actividades foram utilizadas.....	33
Tabela 8 - Número de vezes POR SEMANA EM QUE LÊ OS LIVROS DE CONTO	34
Tabela 9 - Tipos de contos	34
Tabela 10 - Quando recorre aos contos.....	35
Tabela 11 - Critérios na escolha de contos.....	36
Tabela 12 - Reacção das crianças no final dos contos	37
Tabela 13 - Preferência na escolha dos contos por sexo.....	37
Tabela 14 - Qual a diferença encontrada.....	37
Tabela 15- Importância atribuída aos contos	38
Tabela 16 - Satisfação face aos contos.....	38
Tabela 17 - Justificação à questão anterior	39
Tabela 18 - Contribuição da mensagem dos contos para socialização das crianças	39
Tabela 19 - Justificação da resposta “sim”.....	40
Tabela 20 - Sugestão dos inquiridos para socialização das crianças através dos contos	41
Tabela 21 - Sugestão obtida dos inquiridos sobre contos perante resposta positiva a pergunta anterior.....	41
Tabela 22 - Utilização dos contos nas actividades	42

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Nível de escolaridade dos inquiridos	29
Gráfico 2 -Período da última leitura sobre contos.....	31
Gráfico 3 - Comportamento de crianças face aos contos.....	36

Abreviaturas

PRÉ - Pré-escolar

ICS - Instituto Cabo-verdiano de Solidariedade

ONG'S - Organizações não Governamentais

OMCV - Organização das Mulheres Cabo-verdianas

E.B - Ensino Básico

M.E - Ministério da Educação

DGE - Direcção Geral do Ensino

PN - Programa Nacional

LOM - Lei Orgânica do Ministério

DGEBS - Direcção Geral do Ensino Pré-escolar Básico e Secundário

IP - Instituto Pedagógico

CFEI - Curso Formação de Educadores de Infância

ISE - Instituto Superior da Educação

1. Introdução

O conto é uma manifestação cultural, provavelmente, muito antigo, desenvolvido por diferentes povos e civilizações em distintas épocas e períodos com manifestações diferentes até chegar aos nossos dias. Ainda num passado muito recente o conto fizera delícias dos nossos pais, transmitidas de forma muito carinhosa, no seio da família, vizinhança e amizade, nas noites de luar.

O conto de fadas não existia propriamente dito, isso só foi possível depois da literatura adulta ter tornado uma instituição bem estabelecida, a partir do séc. XVIII com os franceses, a criar o termo conte de fée, ou conto de fadas que depois veio a dar em inglês a fairy tale.

A partir do séc. XVII surgiu uma nova tradição do conto de fadas que ganha força com contadores de história como Charles Perrault, os irmãos Grimm, Hans Christian Andersen que, recolheram a partir da tradição oral e a reescreveram e teve o seu apogeu no séc. XIX. Com eles os contos passaram a ter uma forma de cultura elaborada, deixando de ser mera leitura oral transmitida sobretudo pela população rural, tornando-se uma cultura e com isso passou a ser escritos, o que se deve à invenção de imprensa no séc. XV, e a crescente alfabetização das classes elevadas, aprenderam a ler e tornaram-se capazes de reproduzir, porque se tornou moda, as narrativas orais por escrito.

Actualmente torna-se verdadeiramente difícil imaginar o dia-a-dia de uma criança num jardim-de-infância sem uma oferta reservada aos contos. Pois, a sociedade actual considera a infância um período importante e privilegiado de aprendizagem plena para à vida futura. Existe a consciência que a capacidade natural das crianças em aprender com os adultos verifica-se graças uma intensa interacção social que poderá perfeitamente edificar-se através de contos.

Sendo o conto muito indicado na educação de crianças do Pré-escolar e, atendendo ao tema proposto, a partir do mesmo, algumas questões se nos inquieta, nomeadamente:

Que importância traz o conto no processo educativo das crianças, durante o período Pré-escolar?

Como os educadores de infância, nos jardins infantis da cidade da Praia, aproveitam das potencialidades do conto no processo educativo?

Como as crianças dos jardins-de-infância da cidade da Praia reagem aos contos?

Para responder as questões acima constituídas traçamos um conjunto de objectivos a saber, entre os quais, de uma forma muito geral:

Contribuir para que o conto tenha um tratamento relevante no processo educativo das crianças nos jardins-de-infância na cidade da Praia

Muito especificamente:

- Destacar a importância da utilização do conto na educação das crianças do Pré-escolar;
- Saber como as educadoras dos jardins-de-infância da cidade da Praia relacionam com o conto no acto educativo e;
- Conhecer a forma como as crianças dos jardins-de-infância da cidade da Praia comportam-se quando confrontadas com o conto.

Na sequência das questões levantadas, dos objectivos estipulados e da natureza do tema em si tomamos as hipóteses que se seguem:

- H1 – Nos jardins-de-infância da cidade da Praia as monitoras reconhecem a importância do conto no processo educativo, mas a aplicabilidade surge de forma muito esporádica.
- H2 – O conto contribui para o desenvolvimento de uma série de comportamentos importantes no processo de ensino e aprendizagem das crianças, nomeadamente atenção, motivação, imaginação, concentração, entre outros traços indispensáveis da personalidade.
- H3 – As crianças dos jardins-de-infância da cidade da Praia, como quaisquer outras ficam atentas e curiosas face uma sessão de contos.

Para a elaboração do presente estudo a revisão da literatura especializada foi crucial realçar alguns conceitos, estabelecimentos de comparações e reflexões, de forma mais aprofundada, às questões relacionadas com os contos.

Por outro lado, na busca de uma resposta científica às inquietudes levantadas foi necessário aplicar um inquérito por questionário às monitoras que trabalham directamente com

crianças do Pré-escolar. Num universo de 79 jardins-de-infância, foi tomada como amostra para o estudo em questão 8 jardins-de-infância de forma aleatória onde 33 monitoras infantis foram inquiridas, mas somente 27 responderam ao questionário.

O presente trabalho encontra-se estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo fizemos uma revisão da literatura assim incluímos o conceito do conto, história de contos, tipos de contos de fadas, teorias sobre os contos infantis, importância dos contos infantis, educação de infância e contos, o que é educação de infância implementação de educação de infância em cabo verde, conto no pré-escolar, estratégias na abordagem de contos, importância da linguagem para os contos infantis.

No segundo capítulo fala fundamentação metodológica fizemos uma panorâmica dos métodos, amostra, instrumentos de recolha de dados, procedimentos, análise de dados

No terceiro capítulo apresentamos resultados dos dados.

Finalmente, apresentamos o quarto capítulo as considerações finais, conclusões e recomendações.

Em último lugar apresentamos a lista ordenada de todas as fontes citados no trabalho.

Justificação da escolha do tema

A escolha do tema em apreço surge na sequência da nossa experiência vivida ao longo do período de Estágio Pedagógico ao constatar que, no jardim onde exercíamos, as monitoras de infância, nas suas actividades diárias com crianças, o conto figurava-se de forma irrelevante e muito pontual, ou seja, pouco empenho se notava relativamente à programação do conto nas actividades diárias das crianças.

No nosso entender, no processo de educação de infância, o conto, enquanto via por excelência de alcançar objectivos diferenciados, deve ser programado de forma aprofundada regularmente, em combinação com outras actividades constantes do programa diário. O conto deve ser utilizado sempre e em todas as oportunidades que justifiquem durante o dia-a-dia das crianças.

Através de contos podemos assegurar, na sala de actividades, crianças mais atentas, mais interessadas, mais sociáveis, mais motivadas a ponto de, todas essas qualidades, serem susceptíveis de transfer positivo para outras actividades consolidando, na medida do possível, o processo educativo.

Por outro lado, o conto sempre suscitou, no nosso íntimo, uma certa curiosidade, fascinação, sobretudo, pela sua diversidade educativa, “lição” que proporciona em cada etapa da vida de um indivíduo.

Ainda, compreender de forma mais aprofundada os fenómenos relacionados com esta manifestação cultural será um dos propósitos deste estudo, mas o que mais nos sensibiliza relaciona-se muito com o contributo que poderemos estar a dar à comunidade educativa de infância, no sentido de ver, no conto, um instrumento útil no processo educativo das nossas crianças.

Capítulo I - Fundamentação Teórica

1.1 Contos

Com intuito de facilitar a compreensão deste trabalho de investigação é de toda pertinência, numa primeira instância, destacar e reflectir distintos conceitos sobre o conto.

Para Khéde (1990:16) “os contos de fadas actualizam ou reinterpretam, em suas variantes, questões universais como os conflitos do poder e a formação dos valores, misturando fantasia a realidade no clima do “Era uma vez...”

Por sua vez Andrade citado por Ribeiro (s/d) é muito lacónico, na tentativa de definir o conto defende que “é tudo aquilo que o autor quiser chamar de conto”.

Entretanto Cortázar (1974 p: 147), na sua obra intitulada *Alguns aspectos do conto* reflecte o conto da seguinte forma: “é preciso chegar á ideia viva do que é o conto, e isso é sempre difícil na medida em que as ideias tendem ao abstracto, a desvitalizar seu conteúdo, ao passo que a vida rejeita angustiada o laço que a conceituação quer lhe colocar, para fixá-la e categorizá-la”.

Como podemos ver o conto é um género literário de difícil definição, e não é por acaso que as teorizações por parte de escritores e críticos atingem grande número e diferentes graus de complexidade, principalmente se considerarmos o problema em diferentes contextos, nomeadamente a evolução da concepção do conto no tempo e nas diferentes culturas e países.

1.1.1 História sobre contos

Em muitos povos e em muitas épocas diferentes, o acto de contar conto era de tal modo importante e poderoso que havia restrições, regras e castigos: nem todos podiam contar, nem todos os lugares serviam e, principalmente, nem todas as horas eram horas propícias, possíveis. Pensava-se que o conto possuía um poder mágico.

Os escritos de Platão mostram-nos que as mulheres mais velhas contavam às suas crianças histórias simbólicas. Desde então, os contos de fadas estão veiculados à educação das crianças. Na Antiguidade, Apuleio, um escritor e filósofo do séc.II d.C. escreveu um conto de fadas “Amor e Psyche”, uma história como A Bela e a Fera. Esse conto tem o mesmo padrão dos que se podem ainda encontrar, hoje em dia, em qualquer país. Pode-se dizer que este tipo de

conto de fadas (da mulher que redime seu amado da forma animal) existe praticamente inalterado há 2000 anos. Mas há uma informação mais antiga: os contos de fadas também foram encontrados nas colunas e papiros egípcios, sendo um dos mais famosos, o dos dois irmãos, Anúbis e Beta. Nessa tradição escrita data aproximadamente de 3000 anos e os temas básicos não mudaram muito. Existem indícios de que alguns temas principais desses contos se reportam a 25000 anos a.C. ainda assim, mantendo-se praticamente inalterados

1.1.2 Tipos de contos

Aarne/Thompson divide os contos segundo: Unidade temática, ou seja, a identificação de cada conto se baseia no tipo de enredo e no tipo de personagem que ele contém.

Agruparam os contos de fadas em quatro grupos maiores:

- 1) Contos de animais;
- 2) Contos propriamente ditos;
- 3) Facécias ou anedotas,
- 4) Outros contos que não se encaixam em nenhum dos grupos anteriores.

Esses grupos maiores subdividem-se mais uma vez, por ex: há 900 tipos de “contos propriamente ditos” (identificados com os números de 300ª 1199), os quais se subdividem em “contos de fadas ou de encantamento” “contos de fadas legendários ou religiosos”, contos de fadas novelísticos” e “contos de fadas sobre o gigante, ogro ou diabo logrados”. Os contos de fadas ou do encantamento, por vezes, dividem-se em contos com opositor sobrenatural, contos com cônjuge (ou outro parente) sobrenatural ou enfeitiçado, tarefa sobrenatural”, ajudante sobrenatural, objecto mágico”, poder ou conhecimento mágico e contos com “outros elementos mágicos”. Esses grupos menores dividem-se em unidades temáticas.

Contos de fadas propriamente ditos, este grupo englobam os contos de fadas mais típicos do género. São os contos que melhor podem ser analisados com a teoria das funções de Propp;

Contos de fadas ou de encantamento contos de fadas religiosos ou legendários: contos com elementos protagonistas, episódios, referências, etc. Extraídos do âmbito da religião cristã;

Contos de fadas novelísticos contos de fadas cujo enredo gira em torno de circunstâncias curiosas ou inusitadas, chegando em muitos casos a dispensar por completo o elemento mágico ou sobrenatural;

Contos sobre o gigante, ogro ou diabo logrados contos em que o protagonista recorre a astúcia e inteligência para enganar algum oponente monstruoso, o qual pode ser um gigante um ogro, o Diabo ou outro ser maléfico desse porte;

Facécias ou anedotas: contos de fadas com traços jocosos ou anedóticos, contos acumulativos: contos que se caracterizam pela repetição sucessiva de uma mesma sequência (de fadas, acções, etc.) ao longo de todo o texto;

Outros – tipos não classificados dos 2000 lugares previstos, Aarne completaram apenas 540, deixando, portanto, espaço para outros tipos ou mesmo subgrupos. Thompson inclui nas facécias os contos acumulativos e introduziu um grupo de contos diversos (Extraídos da ontologia dos Grimm).

1.1.2.1 Conto de fadas

Segundo Cashdam (s/d) os contos foram originalmente concebidos como entretenimento para adultos, os contos de fadas eram contados em reuniões sociais, nas salas de fiar, nos campos e em outros ambientes onde se reuniam, não nas creches. Com o avanço do racionalismo, das ciências os contos de fadas e as narrativas maravilhosas passam a ser vistos como “histórias para crianças”.

Antes muitos contos de fadas incluíam exibicionismo, estupro, e voyeurismo. Exemplo disso é que numa das versões de Chapeuzinho Vermelho, a heroína faz um striptease para o lobo, antes de pular na cama dele.

Mas viu-se que o conto tem grande importância para as crianças na construção da sua estrutura mentais, para estabelecer relações como “eu, os outros, “eu, as coisas”, “as coisas verdadeiras, as coisas inventadas; para criar distâncias no espaço (longe, perto) e no tempo (antes-agora, antes-depois, ontem-hoje-amanhã).

As versões infantis de contos de fadas que hoje são consideradas clássicas, foram devidamente corrigidas e suavizadas, nasceram quase por acaso na França no século XVII, em 1697 na corte de Luís XIV, pelo Charles Perrault, quando publicou *Contes de ma Mère l'Oye* (Contos da minha Mãe Gansa), uma colectânea de narrativas populares folclóricas que em princípio não eram destinadas as crianças, mas sim a defesa da literatura francesa e a causa

feminista que tinha como uma das líderes a sua sobrinha, Mlle. Hérítier. Ao criar o termo *conte de fée*, ou *de fadas*, que depois vem a dar em inglês o *fairy tale*.

Antes disso, o conto de fadas não existia propriamente dito. Os contos de fadas abrem-nos as portas para o mundo dos sonhos, mas não só. São importantes para manter acesa a chama do inconformismo, da inquietação, no fundo para formar cidadãos capazes de perceber que a realidade nem sempre é aquilo que parece. E que está nas nossas mãos a possibilidade de transformar essa realidade (Victor Quelhas, s/d).

Havia contos de tradição oral, sobretudo no centro da Europa, que iam buscar, de forma muito dispersa, elementos ao mito, às grandes tradições religiosas a figuras de vários tipos, à literatura antiga, à medieval. Os contos evoluíram de muitos elementos confuso, que foram desenvolvendo e constituíram narrativas.

Foi só no século XIX, em função da actividade de vendedores ambulantes que viajavam de um povoado para o outro «vendendo artigos doméstico, partituras e pequenos volumes baratos chamados de chapbooks» que eram vendidos por poucos centavos e continham histórias simplificadas do folclore e contos de fadas aperfeiçoados das passagens mais fortes, o que lhes facultava o acesso a um público mais amplo e menos sofisticado. Mas foi com a adaptação de «*A Pele de Asno*» que Perrault manifesta a intenção de escrever para crianças, principalmente as meninas, orientando sua formação moral.

Principais contos da «*Mère l'Oye*»: *A Bela Adormecida no Bosque*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O Barba Azul*, *O Gato de Botas*, *As Fadas*, *A Gata Borralheira*, *Henrique de Topete* e *O Pequeno Polegar*.

Depois de Perrault ter publicado a história da Mãe Gansa, os folcloristas Jacob e Wilhem Grimm, integrantes do Círculo Intelectual de Heidelberg, efectuaram um trabalho de colecta de antigas narrativas populares com o qual esperavam caracterizar o que havia de mais típico no espírito do povo alemão (mesmo que muitas vezes estas narrativas originalmente nada tivessem de germânicas). Para os Grimm as principais fontes de tradição oral são a prodigiosa memória da camponesa Katherina Wieckmann e de uma amiga da família, Jeannette Hassenpflug, de ascendência francesa.

Entre 1812 e 1822, depois da pesquisa feita, os irmãos Grimm publicaram uma colectânea de cem contos denominada *Kinder und Hausmaerchen* («contos de fadas para

crianças e adultos»). Os Grimm podem ter lançado mão de adaptações das histórias recolhida pelo estudioso francês pelas inúmeras semelhanças de episódios e personagens com aqueles das histórias de Perrault.

Principais contos de «*Kinder Hausmaerchen*»: *Pele de Urso*, *A Bela e a Ferra*, *A Gata Borralheira* e *João e Maria*.

O Romancista, poeta e novelista dinamarquês Hans Christian Andersen foi consagrado como o verdadeiro criador da literatura infantil, por ter escrito cerca de duzentos contos infantis, parte retirados da cultura popular, parte de sua própria lavra. A riqueza poética de sua obra encanta todas as idades. O género em Andersen, é enriquecido de beleza e fantasia inimitáveis. Ele tem um estilo vivo e pleno de movimentos, numa linguagem encantadora. Dá vida a todos os seres, animando desde os objectos mais simples: os móveis, as flores, os animais. Tudo nele tem alma individualidade, sob o seu poder mágico, que transforma o maravilhoso, o fantástico, o fabuloso num clima natural. Os contos de Andersen foi publicado com o título geral de *Eventyr* («contos»), entre 1835 e 1872. A moralidade em sua obra é uma doce e leve mensagem. Não há lições doutrinárias e enfadonhas de moral, ele não sobrepõe à sua obra de livre imaginação.

Principais desses contos são: *A Roupa Nova do Imperador*, *O Patinho Feio*, *Os Sapatinhos de Vermelhos*, *A pequena Sereia*, *A Pequena Vendedora de Fósforo*, *A Princesa e a Ervilha*.

1.1.3 Teoria sobre os contos infantis

Foi Vladimir Propp, estruturalista russo e um dos expoentes da narratologia, que se deu um dos primeiros estudos científicos relevantes dos contos, em 1920, conforme Pavoni (1989), a partir dos estudos nos quais se propôs a analisar estruturalmente cem narrativas dos contos populares da época, chegando a conclusão de que todas as histórias tinham a mesma sequência de acções ou funções narrativas, e a questão de que, apesar da diversidade de temas e versões, todos poderiam ter uma origem comum.

Para Coelho (1987), Propp formulou uma estrutura básica para os contos de fadas envolvendo início, ruptura, confronto e superação de obstáculo e perigos, restauração e desfecho.

- a) O início caracteriza-se pelo aparecimento do herói ou da heroína e do problema que vai desestabilizar a paz inicial;
- b) A ruptura quando o herói vai para o desconhecido, deixando a protecção e se desligando da vida concreta;
- c) O confronto e a superação de obstáculos e perigos, quando o herói busca soluções fantasiosas;
- d) A restauração é quando se inicia o processo da descoberta do novo, das potencialidades e das polaridades e;
- e) O desfecho, é o retorno à realidade, com a união dos opostos, iniciando o processo de crescimento e desenvolvimento.

Por sua vez Coelho (1987), defende que “a fantasia básica dos contos de fadas expressa os obstáculos ou provas que precisam ser vencidas, como um verdadeiro ritual iniciático, para que o herói alcance sua auto-realização. Partem de um problema vinculado à realidade e seu desenvolvimento é uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos”. Como se pode constatar a restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real.

Propp, (2000) ao analisar a semelhança entre a estrutura das narrativas e as sequências das acções nos rituais, conclui que os mais velhos faziam o papel de iniciadores e contavam aos jovens que eram iniciantes o que lhes estava acontecendo, só que se mostrava o sentido das práticas nos rituais a que os jovens estavam se submetendo, era a parte integrante do ritual e devia ser mantida em segredo: um segredo entre o iniciador e o iniciado, que funcionava com amuleto verbal e dava poderes mágicos aos envolvidos.

Para Mendes (2000) Essas narrações acabaram transformando-se em mitos, mantidas e transmitidos como preciosos tesouros nas sociedades tribais. Segundo esse mesmo autor “através do mito, pode-se entender a realidade social de um povo, sua economia, seu sistema político, seus costumes e suas crenças”.

Essa afirmação nos leva a concluir que através dos mitos eram explicadas a vida individual e social, ou seja, o passado, presente e futura nas comunidades primitivas.

Este propósito está patente nas obras de Propp, ao estudar as raízes históricas dos contos maravilhosos, quando descobriu que algumas práticas comunitárias dos povos primitivos (ritos

de iniciação sexual e representações da vida e da morte), explicam a existência de dois tipos de contos, abrangendo a maior parte das histórias chamadas hoje de contos maravilhosos ou de fadas (Pavoni, 1989).

Outros sistemas de classificação dos contos de fadas foram desenvolvidos, segundo Abramowicz (1998), essa classificação deveu-se ao do finlandês Antu, que identificou os textos segundo unidades temáticas, publicado em 1910. Para desenvolver seu sistema, ele baseou-se em contos finlandeses e dinamarqueses (colectados pôr Grundtvig) e alemães (antologia dos Grimm).

1.1.4 Importância dos contos infantis

Durante os primeiros anos de vida da criança, são construídos e desenvolvidas maneiras particulares de ser e esquemas de relações com as pessoas. As crianças vão construindo suas matrizes de relações a partir de sua interação com o meio: o seu comportamento emocional, individualização do próprio corpo, formação da consciência de si, são processos paralelos e complementares do desenvolvimento da criança (em seus primeiros anos).

Para Piaget (1967) as crianças adquirem valores morais não só por internalizá-los ou observá-los de fora, mas por construí-los interiormente através da interação com o meio ambiente. Nesta fase, ouvir histórias (principalmente os contos), entre outras actividades, é possibilidade real de desenvolvimento e aprendizagem.

Os contos de fadas exercem um grande fascínio nas crianças, são caminhos de descobertas e compreensão do mundo. Nesta linha Bettelheim (1999) realça “O conto de fadas procede de uma maneira consoante ao caminho pelo qual uma criança pensa e experimenta o mundo por esta razão os contos de fadas são tão convincentes para elas”.

Ainda o mesmo autor destaca “que as crianças, através da utilização dos contos, aprendem sobre problemas interiores dos seres humanos e sobre suas soluções e também é através deles que a herança cultural é comunicada às crianças, tendo uma grande contribuição para sua educação moral”.

Segundo a psicopedagoga e professora Garcia (2007), apesar de existirem muitos programas de entretenimento e de uma grande oferta de brinquedos na televisão, o conto continua a manter a sua magia e mistério...o conto consolida a relação afectiva entre pais e

filhos, desperta o desejo das crianças e põe em acção a sua imaginação. Muitas vezes «contar um conto» é os maiores presentes que podemos oferecer uma criança”.

Quer dizer que o conto de fadas tem uma grande importância para as crianças, através do conto a criança aprende várias lições e aprende que os conflitos e os problemas se resolvem com muita disposição. Por mais que existem bruxas más (representam a figura das pessoas que não gostam e querem atrapalhar a felicidade do outro), se somos boas pessoas, podemos ser felizes e conquistar tudo o que quiser, inclusive com a ajuda dos amigos para acabar em bem. O conto faz parte do imaginário das crianças.

Os contos podem, no entanto ser «apenas» lidos pois uma boa leitura é também uma forma feliz de servir o conto. Saber ler um conto é despertar simultaneamente a letra escrita e a imaginação de quem nos ouve. Mas ler não é o mesmo que ouvir contar uma história porque, lendo sozinha, a criança pode pensar que só uma pessoa estranha que escreveu a história ou editou o livro aprova que se engane e diminui o gigante. (Bettelheim, 1999).

Segundo Bettelheim (1999) o conto de fadas tem efeito terapêutico na medida em que a criança encontra uma solução para as suas dúvidas através da contemplação do que a história parece implicar acerca dos seus conflitos pessoais nesse momento da vida.

Os contos de fadas garantem à criança que as dificuldades podem ser vencidas, assim, aprendem a aceitar melhor as pequeninas desilusões que vai encontrando no seu dia-a-dia, porque sabe que à semelhança do que acontece nos contos, os seus esforços por se tornar melhor hão-de ter um dia, a desejada recompensa. (Bettelheim, 1999).

Através de imagens simples e directas, os contos de fadas, com toda a sua imaginação, ajudam a criança a destriçar os seus próprios sentimentos complicados, ambivalentes, de modo a desviar cada qual para o seu lugar, evitando as confusões.

Bettelheim (1999) conclui que o conto de fadas sugere não só o isolamento e a separação dos aspectos disparatados e confusos da experiência da criança em coisas ou situações antagónicas, como também projecta estes em figuras diferentes.

Ainda Radino (2001), refere-se aos contos de fadas “como projecção de fantasias inconscientes, ajudam a elaborar conflitos inerentes ao processo de desenvolvimento e socialização e propiciam a construção de um sistema metafórico e simbólico e, por isso, são

considerados como um rico instrumento pedagógico.” Mas os contos, embora pouco utilizados no dia-a-dia por professores de educação infantil, perdem sua função lúdica e estética quando empregados como subsídios para actividades pedagógica e transformados em pretextos para tarefas escolares.

A leitura infantil, a partir de uma perspectiva pedagógica, periodiza uma função social, educativa e formativa, em detrimento de sua função artística e estética (Zilbermam, 1987).

A importância de contar histórias também é defendida por Coelho (1993) este autor afirmar que “a literatura é um fenómeno de linguagem e uma experiência vital cultural. Conforme a autora, directa ou indirectamente ligada a determinado contexto social, a literatura é fundamental para a formação do indivíduo, pois ao estudar a história das culturas e o modo pela qual elas foram sendo transmitidas de geração para geração verifica-se que a literatura foi seu principal veículo”.

Pois, a história proporciona a criança viver além de sua vida imediata, vivenciar outras experiências. Por isso seduz, encanta e embriaga. Quando ouvimos uma história e nos envolvemos com ela, há um processo de identificação com alguns personagens. Isto faz com que o indivíduo viva um jogo ficcional, projectando-se na trama. Quem ouve uma história, tem a possibilidade de reconstruí-la internamente com as próprias emoções, sensações e visão do mundo.

Em suma os contos sempre tiveram a função de distrair e instruir, podendo ser um valioso instrumento auxiliar na educação das crianças, por isso é muito importante que o professor conheça bem a história que será contada e também as crianças que irão ouvir, pois assim ele saberá como trabalhar as questões necessárias para o completo aproveitamento da actividade, assim como para o desenvolvimento integral das crianças.

1.2 Educação de Infância e contos

1.2.1 O que é Educação de Infância?

Falar da educação infantil, da educação pré-escolar ou da educação pré-primária implica focar atenção na educação das crianças antes da sua entrada no ensino obrigatório.

A Educação de Infância é o período compreendido entre zero a seis anos de idade de uma criança. Neste tipo de educação as crianças são estimuladas – através de actividades lúdicas e jogos – a exercitar as suas capacidades motoras, a fazer descobertas e a iniciar o processo de alfabetização.

É a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida. Sendo, um estabelecimento apropriado, complementa-se a acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser atómico, livre e solidário.

1.2.2 Implementação de Educação de Infância em Cabo Verde

A educação em Cabo Verde teve o seu início com a ocupação das ilhas, consequentemente com a chegada da igreja católica no séc. XV. No entanto, a educação pré-escolar só começa a manifestar no início do séc. XX, cinco séculos após o assentamento dos primeiros colonos e dos primeiros escravos.

Podemos dizer que a educação pré-escolar em Cabo Verde teve três momentos cruciais:

- 1960-1975;
- 1975-1989;
- Anos 90.

O período que medeia da educação colonial também foi marcado por acções, iniciativas e programas visando o PRE. Essas acções e programas visando crianças em idade pré – escolar ao longo da primeira metade do século xx partiram da igreja católica, sendo dirigida por freiras. A partir da segunda metade do século XX, a igreja católica deixa de ser a única interveniente, entrando em cena outras confissões religiosas, (igrejas adventistas, baptista) e outras instituições humanitárias como a Cruz Vermelha de Cabo Verde, a Caritas, e de iniciativas privadas por parte de individualidades das ilhas.

A partir de 1968, o Estado começa a intervir com acções Programas para Pré, com institucionalização da educação Pré-Primária. Essa intervenção visando crianças de 6 anos com características de compensação linguísticas culturais, mas acabou por excluir uma grande maioria de crianças cabo-verdianas da educação pré – escolar e de um programa alargado de educação infantil.

Em 1964 o novo estado instituído imprime reformas a nível da lei da família instituindo a igualdade dos filhos perante lei, publicando leis de protecção a maternidade e a infância, nomeadamente o Código de Família, Código de Menor e muito importante, reconhece o papel da educação pré-escolar no desenvolvimento sadio, harmonioso e equilibrado da criança.

Em 68 o estado Generaliza o ensino Pré-Primário como parte integrante da escola primária e funcionando nos mesmo estabelecimento de ensino, e devendo os responsáveis por estas classes serem habilitados com a 4ª classe e uma preparação pedagógica de curta duração, passando a ser denominas monitoras (es) escolares.

Nos finais dos anos 70 e inicio da década de 80 já sob a designação de Educação Pré-escolar são criadas algumas instituições através do Instituto Cabo-Verdiano de Solidariedade (ICS) centrando-se no desenvolvimento de programas/projectos de atendimento e de educação destinadas à infância nas zonas urbanas, e posteriormente, o incremento de rede de jardins nas zonas rurais. Na década 80 a ICS, ONG'S (Cruz Vermelha); OMCV, Igreja católica, Instituição Acção Social já tinham jardins-de-infância em vários concelhos (cerca de 9 jardins).

Nos anos 90 Cabo Verde entra numa nova fase política. Ano da publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei 101/III/90 de 29/12 de 90). Até a altura ela apresenta-se como o único documento legal de âmbito educativo que define os grandes princípios que regulamentam a “educação pré – escolar”, onde a educação pré – escolar é considerada como sendo um dos subsistemas educativos, destinado às crianças de idades compreendidas entre os três anos e a idade de ingresso no Ensino Básico (E.B) a sua tutela pedagógica a cargo do Ministério da Educação (ME) e tem como objectivos fundamentais:

- Apoiar o desenvolvimento equilibrado das potencialidades da criança;
- Possibilitar à criança a observação e a compreensão do meio que a cerca;
- Contribuir para a estabilidade e segurança afectiva da criança;
- Facilitar o processo de socialização da criança;
- Favorecer a revelação de características específicas da criança e garantir uma eficiente orientação das suas capacidades.

Em 1992, o Ministério da Educação (ME) cria um núcleo de Coordenação Nacional do Pré-Escolar integrada na Direcção Geral de Ensino (DGE), nomeadamente uma técnica para fazer a respectiva coordenação. Esta medida foi seguida de um conjunto de acções que

paulatinamente permitiu reconfigurar o lugar do Pre no conjunto das preocupações educativas nomeadamente:

Em 1994 foi organizado um encontro Nacional para reflectir a situação da Educação Pré-Escolar no país;

Em 1996 foi publicado um Programa Nacional para a Educação Pré-Escolar e foram realizadas várias acções de formação de curta duração;

Em 1997 foi publicado a nova Lei Orgânica do Ministério (Lei nº 14/97 de 24/03), que instaura avanços qualitativos a problemática do Pre ao criar a Direcção do Ensino Pré-escolar e Básico (DGEBS), determina que os serviços da Inspeção passe a controlar a qualidade pedagógica de todos os estabelecimentos da educação pré-escolar, valoriza a promoção de um real envolvimento das famílias concorrendo assim, para uma melhor descentralização e concretização das orientações do Ministério, permitindo que se criasse a figura do coordenador Concelhio para Pre e definir normas de funcionamento e princípios de gestão pedagógica para a educação Pré-escolar, elaborando normas de funcionamento, perfil e actividade de coordenadores pedagógicos para os diferentes concelhos e revisão de Programa Nacional (PN) de 96.

Em 1998/99 foi criado o primeiro curso de Formação de Educadores de Infância (FEI) ministrada na Escola de Formação de professores do Mindelo/Instituto Pedagógico (IP).

No ano 2005/06 foi implementado o projecto-piloto de Abordagem Integrada da pequena Infância Instituto Superior da Educação (ISE) desenvolve pela primeira vez o curso superior de Educação de Infância, enquanto IP desenvolve Curso de Educação de Infância de nível médio.

1.2.3 Contos no Pré-Escolar

No passado as actividades do Pré-Escolar baseavam-se, preferencialmente, na alfabetização da criança. Pouco a pouco notou-se que era muito importante para as crianças desenvolver de um período preparatório, com a estimulação de uma série de pré-requisitos. Lima (s/d).

Hoje em dia a Pedagogia recomenda para que a escola não force as etapas do desenvolvimento, visto ser extremamente prejudicial e trará consequências futuras contraindicadas, sobretudo nas áreas pedagógicas, emocional e social.

Aliás, para a alfabetização da criança implica de antemão a maturação em várias dimensões, pois o processo de alfabetização apresenta etapas novas, e, para tal, a criança deve estar preparada para vencê-las.

No seio da comunidade educadora existe a consciência de que o Pré-escolar não é um “depósito de crianças”, ou seja, o lugar onde as crianças ficam para que os pais possam trabalhar. Cada vez mais é reconhecido que o Pré-escolar tem um papel importantíssimo na preparação da criança para a alfabetização e assim sendo deve-se cumprir este papel com competência.

O Pré-Escolar é o início da formação da criança, é onde ela vai ter o primeiro contacto com a aprendizagem, que será a base para todos os anos de escola que terá no futuro. Motivos que justificam para que esse contacto agradável e cheio de prazer, evitando desta forma traumas no futuro. Lima (s/d).

No nosso entender o Pré-escolar deve estimular e orientar a criança, considerando os estágios de desenvolvimento aceitando-a e desafiando-a utilizando todos os métodos e meios pedagógicos recomendados a pensar. Neste caso o ambiente que estimule a actividade criadora da criança, além de contribuir para o seu desenvolvimento global, estará certamente, favorecendo a aproximação da criança à realidade escolar.

O Pré-escolar é o começo da longa caminhada escolar das crianças, por isso deve ser um bom começo, que proporcione alegria e satisfação à todos e em particular a criança.

Nesse ponto Bettelheim (1980) é claro “o conto de histórias ajuda a criança a entender-se a si própria, a orientar-se em busca de soluções para os seus problemas. O propósito de contar histórias de fadas, segundo o autor, deve ser o de fantasia; já os adultos derivam seu prazer da satisfação da criança”.

O conto de fadas enriquece a experiência da criança pois, sutilmente oferece sugestões para que ela lide construtivamente com experiências internas.

1.2.4 Estratégia na abordagem de contos

A narração de contos deve acontecer mediante uma estratégia previamente definida. Nesta linha vejamos o que defende a psicopedagoga e professora Garcia (2007):

- a) Devemos fazer uma selecção muito cuidadosa dos livros. Escolher livros que nós próprios gostamos e que possam atrair o interesse das crianças;
- b) Devemos preparar e praticar lendo o conto em voz alta antes de lê-lo em grupo, reunindo previamente todos os acessórios necessários e imaginando as perguntas ou situações que incentivem as crianças a participar;
- c) Antes de iniciar a sessão, podemos cantar uma canção simples para mostrar que vai começar o conto; devemos modular e modificar a voz, ser muito expressivo, utilizar técnicas de linguagem corporal;
- d) Não devemos ler depressa, para podermos dar tempo às crianças para formarem uma imagem mental do que se está a passar no conto;
- e) Devemos mostrar os desenhos e as ilustrações do conto às crianças, para complementar a compreensão do conto e antecipar o que vai acontecer a seguir;
- f) Devemos seguir os textos com o dedo para ensinar às crianças que estamos a lê-los;
- g) Devemos fazer umas sessões participativas, contendo e esperando que as crianças completem uma frase ou participem com uma ideia preconcebida, em que podemos fazer-lhes algumas perguntas como «o que vai acontecer agora?», «onde foi?» ...
- h) Terminado a sessão da leitura, podemos colocar o livro num lugar visível de maneira a que as crianças o vejam e desejam voltar a lê-lo.

Entretanto para Guerreiro (s/d) os contos não se limitam a divertir, mas instruem, educam e também divertem e para tal fundamenta a sua abordagem da seguinte forma:

- a) Nos contos infantis a criança tem a capacidade rara de maravilhar-se consigo próprio e com os outros, com a natureza que envolve, sem saber, nela está inscrita a sede da sabedoria, a capacidade para os saberes;
- b) É muito importante que nos contos de fadas garantam um desfecho feliz, a criança não receia permitir ao seu inconsciente que alinhe com o conteúdo da história, porque sabe que, aconteça o que acontecer o final é feliz, isto é, viverá felizes para sempre...
- c) Quando um educador lê um conto às crianças, pretende que os mesmos se interessem e apreciem os contos e os livros como meios para aprenderem e se encantarem;

- d) Compreendam e sejam capazes de reproduzir os contos que lhes são contados tanto para os pais como para os educadores;
- e) Desenhem e representem plasticamente as personagens ou as cenas do conto que ouvirem e que lhes chamaram mais atenção;
- f) Ampliem a sua linguagem oral e os seus registos comentando o conto e dramatizando algumas cenas;
- g) Desenvolvam a sua capacidade de memória repetindo frases do conto e associando-as à personagem;
- h) Que elas tenham maior cuidado com os livros, tê-los em ordem e classificá-los na estante da biblioteca da sala; partilhar e esperar pela sua vez para ver cada conto;
- i) Ampliar a unidade didáctica correspondente com um conto relacionado com o tema;
- j) A caracterização e os papéis das personagens é como consequência, a entrada no mundo dos valores.

Bettelheim (1999) realça “ é importante tanto para quem escreve, como para quem lê para as crianças nunca escrever ou contar por contar.

Com certeza a estratégia de abordagem de contos infantis não esgotaria com as explicações dos especialistas acima mencionados, no fundo, resumindo e concluindo compete aos educadores criar uma cultura de contos nos seus educandos como forma de garantir uma educação de qualidade e, conseqüentemente, a condução da criança para o mundo do saber, apresentando os contos devidamente cumprindo na íntegra as recomendações de ponto de vista metodológico.

1.2.5 Importância da linguagem para os contos infantis

Falar de linguagem, é falar de uma capacidade específica do ser humano, em que na presença de uma língua natural nós a adquirimos, sem ser ensinada, visto que geneticamente, estamos programados para isso como seres humanos que somos. Ainda mais, logo que nascemos ficamos integrados num determinado sistema linguístico, isto é em presença de uma língua, e o sistema biológico da criança é activado e ela extrai as regras de uma língua. Esse processo começa no nascimento e vai até à puberdade.

Todos somos conscientes de que a linguagem é uma das peças-chave na Educação Infantil linguagem que se constrói o pensamento e a capacidade de codificar a realidade e a própria experiência, ou seja, a capacidade de aprender. É preciso, então criar um ambiente no qual a linguagem seja a grande protagonista: tornar possível e estimular todas as crianças a falarem: criar oportunidades para falas cada vez mais ricas através de uma interação educador(a) – criança que a faça colocar em jogo todo o seu repertório e superar constantemente as estruturas prévias.

Halliday (1973) verificou que “ as crianças de 3 e 4 anos progredem para um estágio de uso da linguagem que lhes permite comunicar os seus sentimentos e desejos, interagir com outras pessoas, perguntar coisas, pensar sobre elas, e falar sobre situações imaginadas. Ao mesmo tempo, dominam a gramática, constroem o significado de palavras específicas e «escrevem» e «lêem» nas suas maneiras próprias ainda que não convencionais”.

A linguagem tem várias funções, mas a sua principal função é que permite a comunicação entre as pessoas. Sendo nós seres sociais estabelece e mantém relações uns com os outros. Enquanto os bebés e as crianças mais pequenas desenvolvem um sistema de guinchos, gritos, expressões faciais variadas e pequenas frases.

A partir dos 3 ou 4 anos as crianças usam a linguagem para se fazerem compreender e mostrar interessados nas formas impressas que aparecem nas suas vidas diárias como: livros de histórias, quando os familiares lêem o jornal, ou quando escrevem cartas etc. Ainda que a criança não saiba ler mas sabem que as letras querem dizer qualquer coisa, e estão muito motivados para criarem o seu próprio sistema de signos para, transmitir significados por meio da escrita. As crianças querem comunicar, querem compreender e serem compreendidas, por isso é muito importante para elas, que os adultos educadores atendam ao que elas querem comunicar, mais do que à forma como o tentam fazer. (Hohmann e Weikart, 2003)

Segundo Weikadt, (1974) a linguagem e a literacia como o resultado natural de um processo de maturação e de envolvimento activo da criança no ambiente, onde se incluem as próprias tentativas de comunicar os seus pensamentos, sentimentos e questões acerca das experiências vividas.

No início as crianças têm uma linguagem muito simples, usam expressões com apenas uma ou poucas palavras. Mas a sua linguagem vai se evoluindo a partir da vontade de comunicar

com outras crianças e ainda com as trocas comunicacionais com os adultos, em que tornam a sua linguagem aos poucos mais complexos. Um bebé de 18 meses conhece 20 a 40 palavras. Uma criança de três anos conhece milhares, uma já de cinco conhece alguns milhares. Todos os dias, as crianças adquirem novas palavras, embora percebem muitas mais. (Sim-Sim, 2005)

Num ambiente rico em conversação e leitura, isto é, em que os pais conversam frequentemente, lêem regularmente e respondem à verbalização a complexidade da linguagem da criança evoluirá um pouco mais cedo, mas a um ritmo próprio de cada criança.

Não nascemos com as palavras, nascemos com a capacidade para as adquirir. A função básica da linguagem é a comunicação, mas também a linguagem serve para estruturar o pensamento, para pensar. Um bebé acabado de nascer já está a comunicar. A comunicação verbal é-lhe dado pelo adulto, é ele que dá à criança o significado da comunicação. Por isso os pais têm uma função muito importante, mas também os irmãos, porque conseguem adaptar o seu discurso de modo a fazerem-se entender pelos mais novos. (Bee, 1996)

A quantidade da linguagem dos pais também pode ser importante porque sabemos que eles falam com as crianças num tipo especial de linguagem muito simples, frequentemente chamado de motherese ou maternalês. Esta linguagem é falada numa voz mais aguda, e num ritmo mais lento, do que a conversa entre adultos. As frases são curtas, com um vocabulário simples e concreto, e gramaticalmente simples. Os pais quando falam com os filhos, repetem muito, com pequenas variações, ou pode repetir a frase de criança, mas numa forma um pouco mais longa e gramaticalmente correcta – um padrão conhecido como uma expansão ou remodelação. (Bee, 1996)

O psicólogo e educador Temple, citado por Hohmann e Weikart (2003) e os seus colaboradores resumem o processo de linguagem de seguinte maneira:

- a) As crianças aprendem a falar ao tentarem perceber as regras de funcionamento da linguagem depois experimentando-as e, por fim, progressivamente revendo-as;
- b) A princípio as crianças cometem muitos erros ao falar, mas gradualmente vão conseguindo corrigi-las escrever, vemos as crianças a cometerem erros na formação das letras, ortografia e composição, na medida em que vão formulando hipóteses sobre as regras que governam o sistema de escrita; os erros iniciais antecedem outros erros, até que a criança chegue a uma forma correcta;

- c) As crianças não começam a usar formas adequadas de falar como o resultado de um ensino directivo; as formas de falar, na escrita e ortográficas e as estratégias de composição não podem ser imediatamente melhoradas por via de ensino dirigista e corrector, mas sim por via de uma aprendizagem conceptual que é gradual e controlada, tanto pela criança como pelo professor.

Para que a linguagem e a literacia se desenvolvam tem de haver interacções. Segundo Maher (1991a) sublinha que a linguagem é constituída por um processo interactivo, e não por uma capacidade inata como pensava Chomsky (1965;75;86;88) ou por um comportamento estritamente aprendido por imitação.

Para que uma criança aprenda letras e sons, ela precisa de ser exposta à linguagem, tanto falada quanto escrito. Essas crianças cujo os pais ou os responsáveis se conversam muito com os bebés, e se lê regularmente, e que têm letras e brinquedo para montar, para as quais se mostram o som que acompanha cada letra, ou para as quais o alfabeto é ensinado muito cedo, parece que elas vão desenvolver mais rapidamente a linguagem (Bee, 1996).

Quando as crianças se encontram num ambiente onde a comunicação, escrita e oral, é valorizada, adquirem uma profunda vontade de dominar a linguagem e aprendem a ler, escrever e a falar porque querem comunicar com as pessoas significativas das suas vidas. (Maher, 1991).

Elas não aprendem porque são ensinadas, mas porque vêem que há gente que as ouve e responde com interesse as suas tentativas.

Para que a criança possa desenvolver a linguagem ela deve estar em ambientes onde tenham experiências e querem falar, onde há pessoas atentas a elas, envolvendo-as em diálogo. Essa interacção com pessoas e materiais preparam o palco para ela construir a sua compreensão da linguagem, da leitura e da escrita, esse processo que inicia com o nascimento e continua durante os anos da pré-escolar. (Weikart e Hohmann, 2003).

Já que o desenvolvimento da linguagem é um processo interactivo, na qual as crianças aprendem a falar, ao falarem livremente sob as suas experiências, então faz sentido que no pré-escolar um lugar onde promova a linguagem, seja um local, onde caracteristicamente se oiça o ruído proveniente das conversas das crianças visto que é uma necessidade intrínseca em se comunicar. (Maher, 1991).

As crianças de idade pré-escolar têm já alguns conhecimentos sobre as letras impressas mesmo antes de receberem treino formal escrita e leitura, ou mesmo antes de saberem nomear as letras ou reconhecer palavras (Schickedanz, 1982).

Através do seu próprio contacto com os materiais impresso e com pessoas que lêem, elas já têm uma expectativa sobre o significado que a palavras impressas possuem. Elas estão bem motivadas para saberem como funciona a linguagem, para poderem usá-las. Por isso elaboraram os seus próprios sistemas de escrita. Aos poucos esta tentativa vai – se aproximar da escrita convencional, por via de uma associação mais rigorosa entre símbolos e os sons da linguagem oral. (Weikart e Hohmann, 2003).

Pouco a pouco surge a capacidade da escrita juntamente com o desenvolvimento da linguagem oral que devem ser apoiadas por adultos. Por isso devemos aceitar acompanhar a emergência destas capacidades em todas as formas que surjam, reconhecendo nelas uma tentativa significativa em usar a escrita como meio de comunicação. Não devemos esquecer que antes as crianças têm de efectuar um processo preliminar de apropriação da escrita e só depois pouco a pouco a produção de formas de escrita convencional (Weikart e Hohmann, 2003).

De cada vez que um adulto lê uma história à criança ela começa a identificar as imagens, a ouvir as mesmas palavras na mesma ordem, a ganhar sentido da história, e apanhar o ritmo e a cadência da linguagem escrita. No dia-a-dia as crianças lêem as publicidades, escolhem os seus cereais favoritos por via da identificação das letras e das imagens das caixas e também descobrem os nomes dos restaurantes de comida e das lojas. Lêem a sua própria escrita, descobrem as letras de que precisam no teclado e lêem as suas histórias favoritas, baseando-se nas imagens e nas palavras que aprendem de cor. Todas essas abordagens são importante para descobrir significado no mundo dos materiais escritos e são experiências necessárias para preparar as crianças para a leitura (Weikart e Hohmann, 2003).

Segundo Marques citado por Jensen (1985) e seus colaboradores, as crianças habituadas a ouvir ler histórias adquirem as seguintes competências:

Aprendem a “falar” com os livros; manifestam conhecer padrões de diálogo ou de tomada de papéis; revelam dominar os padrões para sequenciar os acontecimentos e acções da história; estabelecem relações entre linguagem falada e a linguagem escrita; tomam consciência

de que uma palavra pode decompor em sílabas e grafemas; tomam consciência dos fonemas; aprendem a reconhecer algumas palavras e letras.

Segundo Brandão (s/d) nada desenvolve mais a capacidade verbal que a leitura de livros. Na escola aprendemos gramáticas e vocabulários. Contudo essa aprendizagem nada é comparada com o que se pode absorver de forma natural e sem custo através da leitura regular de livros.

A escola e as famílias em geral têm o objectivo de proporcionar às crianças o acesso ao conhecimento e a formação de indivíduos críticos, comprometidos consigo mesmos e com a sociedade, capazes de intervir modificando a realidade, auto-motivados e aptos a buscar o aprendizado e o aperfeiçoamento contínuos, o que passa pela formação de leitores competentes. Por isso é tarefa urgente dos pais e da escola, em todos os níveis, buscar maneiras de estimular mais do que a capacidade de ler, o prazer pela leitura. Brandão (s/d).

Devemos proporcionar aos leitores o prazer da leitura e construir as competências necessárias para sua apreensão e produção.

No intuito de desenvolver, desde a mais tenra idade, o hábito e o prazer da leitura, a educação infantil deve oferecer oportunidades de leituras variadas, leituras não apenas de textos escritos, mas a própria leitura e interpretação do mundo em que a criança está inserida e do qual faz parte como actor social. Brandão (s/d).

As histórias infantis são instrumentos privilegiados para desenvolver a leitura bem antes da alfabetização. Além de desenvolver o interesse pela leitura, vêm também ampliar o universo vocabular, permitir o exercício da fantasia e da criatividade. Ao apresentar, de modo maniqueísta (oposto), a polarização bem/mal, virtude/vício, recompensa/castigo, possibilitam a discussão de padrões éticos e morais, e a formação de valores. Por isso são poderosas ferramentas na formação de bons hábitos de leituras. Brandão (s/d).

A leitura não só é importante pela construção de conhecimento que gera, mas também tem uma grande importância em termos de desenvolvimento biológico das crianças, o que reflecte positivamente nas suas capacidades cognitivas e atitudinais. Por isso é importante, segundo Jense (2002) a leitura de contos aos filhos a partir dos seis meses de idade. Nesta idade, o cérebro da criança está preparada para distinguir bem os diferentes sons.

Capítulo II – Fundamentação Metodológica

2.1 Uma panorâmica dos métodos

Com o propósito de facilitar, de forma célere, a compreensão deste capítulo passamos a dar conhecimento dos itens que irão constituir-lo. O capítulo abordará a forma como foi constituída a amostra e o método utilizado para a selecção da mesma. A continuação descreverá os passos seguidos para a concepção do principal instrumento utilizado para a recolha dos dados, nomeadamente tipos de perguntas e objectivos gerais que estarão por detrás das mesmas. Posteriormente, narra os detalhes da recolha de dados sobretudo a garantia da confidencialidade e anonimato. Finalmente os detalhes relacionados com análise de dados e a técnica estatística utilizada para análise e interpretação das mesmas.

2.2 Amostra

Num universo de 79 jardins-de-infância existentes na cidade da Praia foram tomadas como amostra 8, representando 10,1% sediados em diversos bairros da capital. No total foram inquiridos 27 monitores com idade compreendida entre 18 a 41 anos, sendo 26 mulheres e 1 homem. Os jardins foram escolhidos aleatoriamente, qualquer um, sediado na capital poderia fazer parte da amostra e a quantidade encontrada permitirá demonstrar a representatividade da amostra assim como calcular estatisticamente o grau de confiança em relação as conclusões.

2.3 Instrumento de recolha de dados

O inquérito, por questionário, foi o instrumento utilizado para a recolha de dados, respondendo desta feita o que Berdie e Anderson citado por Dias (1993, p: 180) defendem “ o inquérito tem como objecto revelar o que existe como realidade psico-social latente na medida em que procura não só a compreensão das estruturas sociológicas, (...) mas também estudar as relações entre os factos recolhidos, bem como a determinação e a medida dos fenómenos psicológicos colectivos" (p. 180).

O instrumento (anexo I) em questão foi concebido de raiz, na elaboração do mesmo tomamos como referência as recomendações de Fox (1981). Assim, incluímos os objectivos da pesquisa, as condições de anonimato. Por outro lado, limitamos algumas questões, para que os

sujeitos dediquem o menor tempo possível à sua resposta. Estruturamos o modelo de resposta, para que os sujeitos não dêem respostas longas e pouco interessantes para o contexto do estudo. Contudo, deixamos em aberto algumas questões.

O questionário utilizado contém 25 questões, sendo algumas fechadas de resposta sim/não e outras abertas permitindo aos inquiridos apresentarem a sua opinião sem limitações, baseando no seu conhecimento e na realidade dos factos vividos nos respectivos jardins-de-infância. A inclusão de questões abertas visava explorar determinados aspectos de forma mais aprofundada, em função dos dados recolhidos.

O questionário utilizado está subdividido em seis partes. Na primeira, incluímos questões, que nos permitem a caracterização geral dos sujeitos inquiridos, com questões sobre sexo, idade, nível de escolaridade, morada; Na segunda, pretendíamos recolher informações sobre formação sobre contos, hábito de leitura sobre os contos, quando leu o último livro do conto, se utiliza contos quantas vezes, tipos de contos costuma utilizar, quando recorre aos contos, que critério utiliza na escolha de contos. A terceira é para saber a importância dada aos contos, como comportam as crianças perante um conto, se existe diferença entre meninas e meninos. A quarta para saber se está satisfeita com os contos abordados no pré-escolar. A quinta para saber se tem opinião sobre os contos utilizados se contribuem para a socialização das crianças no pré-escolar. Finalmente, na última, quisemos saber se as (os) monitoras (es) têm alguma sugestão que possa contribuir para a socialização das crianças nos jardins da Praia.

2.4 Procedimentos

O presente estudo teve lugar nos jardins-de-infância da cidade da Praia. Primeiramente foi necessário fazer levantamento e a respectiva selecção junto da DGEBI.

Posteriormente, a cada um dos seleccionados, foi solicitado a competente autorização (anexo II) para aplicação do inquérito. Obtida a resposta procedeu-se a distribuição do questionário.

Para aplicação do questionário foi necessário cumprir etapas importantes. Assim, após a elaboração da primeira versão do questionário aplicou-se pré-teste. Nesta etapa, a nossa intenção era, saber se o instrumento estava adequado à população alvo. Aplicamos o instrumento a três colegas de turma que já tiveram vivências de jardim-de-infância. As informações recolhidas não levaram a reformulação do questionário elaborado, porque as respostas dadas não revelaram

incompatibilidade e ou contra-indicação, por outro lado notou-se ausência de dificuldades no preenchimento do questionário. Contudo, tomamos algumas precauções para a fase seguinte

Os sujeitos que fizeram a amostra receberam o documento pessoalmente e o mesmo foi recolhido, no dia seguinte. Entretanto, antes da entrega tivemos a preocupação de esclarecer todas as dúvidas suscitadas.

A garantia de anonimato e confidencialidade foi, suficientemente, garantido. Para tal, foi aconselhado aos respondentes que deixassem o questionário preenchido num envelope fechado, sem identificação, na coordenadora do jardim.

2.5 Análise de dados

A metodologia de investigação foi efectuada sob a forma de revisão bibliográfica e tratamento estatístico dos dados com auxílio do programa “Statistical Package for Social Sciences” (SPSS) versão 17.0 permitindo, uma análise quantitativa e qualitativa dos dados recolhidos.

Capítulo - III - Resultados dos dados

De acordo com a tabela 1, 96% da população que fizeram parte deste estudo, é do sexo feminino e apenas 3,7% é homem. Este cenário leva-nos acreditar que nos jardins da cidade da Praia praticamente a figura feminina domina a orientação das crianças muito pela relação com a figura de mãe, o que nos leva realçar Sanches, (2003, p:5) quando defende que «as mulheres lançaram-se à conquista do espaço público, antes exclusivo para os homens, e empreenderam uma longa jornada pela construção de sua própria independência: financeira, profissional e pessoal. Nessa trajetória, foram decisivas as acções individuais, de todas aquelas que se lançaram sobre os desafios de uma carreira profissional, da actuação política e à chefia de suas famílias. Mas ainda mais decisiva foi a crescente organização das mulheres nos movimentos sociais e políticos.

TABELA 1 - Sexo dos inquiridos

<i>Resposta</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentagem</i>
<i>Masculino</i>	1	3,7
<i>Feminino</i>	26	96,3
Total	27	100,0

Segundo a tabela 2, 51,9%, das monitoras que fizeram parte deste estudo têm a idade compreendida entre 24 a 29 anos de idade, representando desta forma a maioria, 18,5% têm idade compreendida entre 18 a 23 anos e 14,8% têm 36 a 41 e mais de 41 anos de idade. Os jardins-de-infância da cidade da Praia não está mal servida em matéria de idade dos seus agentes, como é sabido quanto mais jovem forem as monitoras o empenho, a motivação poderá ser evidenciada.

TABELA 2 - IDADE DOS INQUIRIDOS

<i>Resposta</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentagem</i>
18 a 23	5	18,5
24 a 29	14	51,9
36 a 41	4	14,8
Mais de 41	4	14,8
Total	27	100,0

Como podemos observar no gráfico 1, a maioria das monitoras inquiridas possuem instrução, sendo 40,7% com 12º ano de escolaridade, 14,8% com formação superior, 11,1% com IP, 3,7%

com 6ª classe, 8º ano de escolaridade e Ex-5º ano, e 22,2% não respondeu à questão. De acordo com o Sistema Educativo Lei de bases do Decreto-Legislativo nº-2/20/10, artigo 6 todo o cidadão tem livre acesso ao Sistema Educativo - O sistema educativo dirige-se a todos os indivíduos independentemente da idade, sexo, nível socioeconómico, intelectual, crenças ou convicção filosófica de cada um. Ter recursos humanos qualificados no Pré-Escolar é uma estratégia acertada. Há muito que o senso comum recomenda intervenções especializado neste subsistema da Educação.

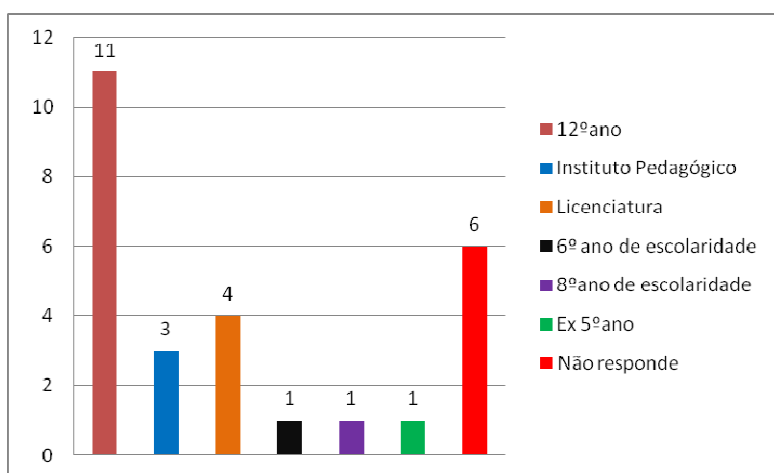


GRÁFICO 1 - Nível de escolaridade dos inquiridos

Observando a tabela 3, verificamos que a morada dos monitores inquiridos dispersa por vários bairros da cidade da Praia, 14,8% habitam na Achadinha - Baixo, 11,1% nos bairros de Várzea, Vila Nova e Ponta d'Água 7,4% em Achadinha Meio, Fazenda, Calabaceira, Safende e 3,7% Lém Cachoro, Bairro Craveiro Lopes, Achadinha de Cima e Palmarejo.

TABELA 3 - Residência dos inquiridos

Resposta	Frequência	Percentagem
Achadinha-Baixo	4	14,8

Lém-Cachoro	1	3,7
Achada São Filipe	2	7,4
Achadinha Meio	2	7,4
Fazenda	2	7,4
Calabaceira	2	7,4
Várzea	3	11,1
Bairro C. Lopes	1	3,7
Achadinha-Cima	1	3,7
Palmarejo	1	3,7
Vila-Nova	3	11,1
Safende	2	7,4
Ponta d'Água	3	11,1
Total	27	100,0

No que concerne a formação dos inquiridos sobre contos a tabela 4, mostra-nos que 44,4% tem formação sobre a matéria, 33,3% não tem formação e 22,2% não respondeu à questão formulada. No nosso entender apesar do Sistema conta com monitores capacitados sobre contos, mas infelizmente ainda existe uma percentagem considerada (33,3) que não tem formação. Este cenário, na presente conjuntura, contra-indica a educação de qualidade que se quer para as nossas crianças nesta fase de desenvolvimento. Segundo Lei de bases nº 2º o Decreto-Legislativo nº-2/2010, artigo 75 nº 1 A formação continua constitui um direito e um dever dos educadores de infância dos professores e dos monitores dos ensino básicos e secundários.

Tabela 4 - Formação sobre os contos infantis

<i>Resposta</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentagem</i>
Sim	12	44,4
Não	9	33,3
Não responde	6	22,2
Total	27	100,0

Atendendo a tabela 5, concluímos que os monitores que fizeram parte do nosso estudo são aplicados em matéria de leitura aos contos 96,3% responderam sim e apenas 3,7% não. No

nosso entender trata-se de um dado muito positivo. Um indicador que poderá favorecer para que os contos sejam cada vez melhor à sua transmissão. Como é sabido ler é importante, através da leitura testamos os nossos próprios valores, acumulamos novas experiências com os outros. No final de cada livro lido ficamos enriquecidos, com novas ideias. Provavelmente, ficaremos a conhecer de melhor o mundo e um pouco melhor de nós próprios. Nesta linha Brandão (s/d) é peremptório “ nada desenvolve mais a capacidade verbal que a leitura de livros. Na escola aprendemos gramáticas e vocabulários. Contudo essa aprendizagem nada é comparada com o que se pode absorver de forma natural e sem custo através da leitura regular de livros”.

Tabela 5 – Hábitos de Leitura dos contos infantis

<i>Resposta</i>	<i>Frequência</i>	<i>Porcentagem</i>
Sim	26	96,3
Não responde	1	3,7
Total	27	100,0

De acordo com o gráfico 2, 63% dos monitores que fizeram parte deste estudo afirmaram que a última leitura de um conto acontecera há uma semana atrás, 14,8% assinalaram outros, quer dizer que não estava indicado o tempo ali em que tinham lido um conto, 11,1% não se lembra do período que leu o último conto, 3,7% a leitura acontecera há quinze dias e um mês atrás.

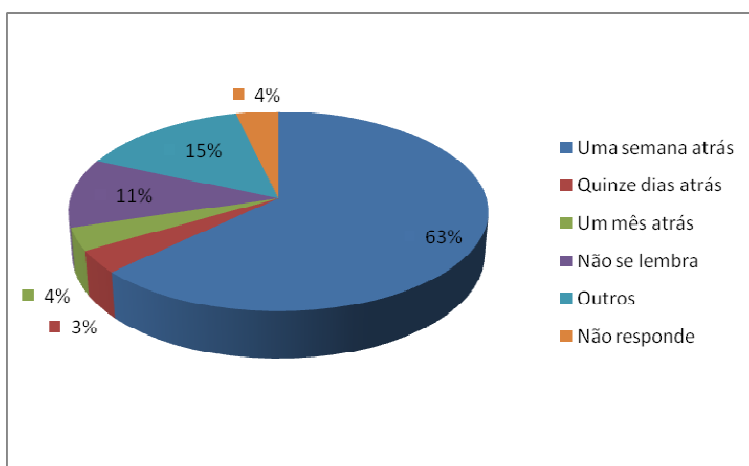


GRÁFICO 2 -Período da última leitura sobre contos

Observando atentamente a tabela 6 (pág. anterior) verifica-se que as respostas dos sujeitos que fizeram a amostra do estudo foram bastante diversificadas. O conto mais utilizado (18,5%) representa o conto intitulado “ O Papa podes salvar o planeta”. Contudo 7,4% não responderam à pergunta formulada . Segundo Radino (2001), “ os contos de fadas como projecção de fantasias inconscientes, ajudam a elaborar conflitos inerentes ao processo de desenvolvimento e socialização e propiciam a construção de um sistema metafórico e simbólico e, por isso, são considerados como um rico instrumento pedagógico”.

Tabela 5 - Título da leitura do último conto

<i>Resposta</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentagem</i>
<i>Papa pode salvar o planeta</i>	<i>5</i>	<i>18,5</i>
<i>Sete cabritinhos</i>	<i>1</i>	<i>3,7</i>
<i>A lebre e a tartaruga</i>	<i>1</i>	<i>3,7</i>
<i>Cometa azul</i>	<i>1</i>	<i>3,7</i>
<i>Os três ursinhos</i>	<i>2</i>	<i>7,4</i>
<i>Atirei pau ao gato</i>	<i>1</i>	<i>3,7</i>
<i>Direitos da criança</i>	<i>1</i>	<i>3,7</i>
<i>Dona Sani e a nossa saúde</i>	<i>1</i>	<i>3,7</i>
<i>Capuchinho Vermelho</i>	<i>1</i>	<i>3,7</i>
<i>Capuchinho Vermelho e a nossa saúde</i>	<i>1</i>	<i>3,7</i>
<i>Capuchinho Vermelho/Boneca de Trapos/Gato Marquês</i>	<i>1</i>	<i>3,7</i>
<i>Os três porquinhos «/O lobo e os sete cabritinhos</i>	<i>1</i>	<i>3,7</i>
<i>Pequena sereia/Os três porquinhos/A cinderela</i>	<i>1</i>	<i>3,7</i>
<i>Os três porquinhos/O lobo e os sete cabritinhos</i>	<i>1</i>	<i>3,7</i>
<i>Os três porquinhos/cinderela</i>	<i>1</i>	<i>3,7</i>
<i>Lobo e chibinho</i>	<i>1</i>	<i>3,7</i>
<i>Zé Tchocu</i>	<i>1</i>	<i>3,7</i>
<i>Doze Princesas</i>	<i>1</i>	<i>3,7</i>
<i>A Bela e o Mostro</i>	<i>1</i>	<i>3,7</i>
<i>Aprenda as cores</i>	<i>1</i>	<i>3,7</i>
<i>Não responde</i>	<i>2</i>	<i>7,4</i>

Total	27	100,0
-------	----	-------

Pela leitura da tabela 7, 29,6% dos sujeitos inquiridos utilizaram os contos no momento em que iam abordar a linguagem, 25,9 % não responderam, 11,1% em actividades livres e 3,7% nas mais diversas actividades, nomeadamente higiene pessoal, teatro, educação física, centro de interesse, etc.

Para Zilbermam (1987), embora os contos pouco utilizados no dia-a-dia por professores de educação infantil, perdem sua função lúdica e estética quando empregados como subsídios para actividades pedagógica e transformados em pretextos para tarefas escolares “a leitura infantil, a partir de uma perspectiva pedagógica, perioriza uma função social, educativa e formativa, em detrimento de sua função artística e estética”

Tabela 6 - Em que actividades foram utilizadas

<i>Actividades</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentagem</i>
<i>Linguagem</i>	8	29,6
<i>Histórias</i>	2	7,4
<i>Higiene pessoal</i>	1	3,7
<i>Actividades livres</i>	3	11,1
<i>Teatro</i>	1	3,7
<i>Várias actividades</i>	1	3,7
<i>No fim do ano lectivo</i>	1	3,7
<i>Educação física</i>	1	3,7
<i>Centro de interesse</i>	1	3,7
<i>Música</i>	1	3,7
<i>Não responde</i>	7	25,9
Total	27	100,0

De acordo com a tabela 8 a taxa de utilização de contos é relevante, 37% dos inquiridos utilizam o conto pelo menos uma vez por semana, 29,6% duas vezes por semana, 25,9% todos os dias. No nosso entender trata-se de uma atitude que vai de encontro com a posição de muitos

especialistas. Por exemplo, o linguista inglês Gordon wells citado por Weikart e Hohmann (2003) numa pesquisa feita “concluiu que quantas mais as crianças ouvirem melhores leitores se tornavam. Num teste feito de literacia as crianças que tiveram melhores resultados são aquelas cujos pais lhes liam mais história e possuíam mais livros.”

Tabela 7 - Número de vezes **POR SEMANA EM QUE LÊ OS LIVROS DE CONTO**

<i>Resposta</i>	<i>Frequência</i>	<i>Porcentagem</i>
Uma vez	10	37,0
Duas vezes	8	29,6
Todos os dias	7	25,9
Outro	2	7,4
Total	27	100,0

A tabela 9 é esclarecedora, 37% dos sujeitos estudados utilizam histórias tiradas do livro, 25,9% histórias inventadas e tiradas dos livros, 11,1% histórias ouvidas quando crianças, inventadas e tiradas dos livros, 7,4% histórias inventadas e 3,7% histórias bíblicas, ouvidas quando crianças/inventadas e existentes na instituição. Segundo a psicopedagoga e professor Garcia, (2007) (...) «devemos fazer uma selecção muito cuidadosa dos livros. Escolher livros que nós próprios gostamos e que possam atrair o interesse das crianças; devemos preparar e praticar lendo o conto em voz alta antes de lê-lo em grupo, reunindo previamente todos os acessórios necessários e imaginando as perguntas ou situações que incentivem as crianças»

TABELA 8 - Tipos de contos

<i>Resposta</i>	<i>Frequência</i>	<i>Porcentagem</i>
<i>História inventadas</i>	2	7,4
<i>Histórias tiradas do livro</i>	10	37,0
<i>Histórias bíblicas</i>	1	3,7
<i>Histórias ouvidas quando criança/ inventadas/ tiradas de livros</i>	3	11,1
<i>Histórias inventadas/ tiradas de livros</i>	7	25,9
<i>Todos os tipos de contos infantis</i>	2	7,4
<i>Histórias ouvidas quando criança/inventadas</i>	1	3,7
<i>Histórias existentes na instituição</i>	1	3,7
Total	27	100,0

A tabela 10, mostra-nos que 33,3% da população estuda recorrem ao conto quando vai começar uma actividade e quando for planificação, 18,5% quando achar necessário e 14,8% quando as crianças solicitarem. Reflectindo um pouco concluímos que, no fundo, existe uma dinâmica à volta dos contos como via de educação por excelência e que devem ser planificada como manda o guia curriculares «que as actividades devem ser sempre planificadas».

TABELA 9 - Quando recorre aos contos

<i>Resposta</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentagem</i>
<i>Quando vai começar uma actividade</i>	9	33,3
<i>Quando as crianças solicitarem</i>	4	14,8
<i>Quando achar necessário</i>	5	18,5
<i>Quando for planificação</i>	9	33,3
Total	27	100,0

Segundo a tabela 11, 81,5% dos inquiridos os critérios utilizados na escolha dos contos depende do tema, 14,8% ao gosto das crianças, e apenas 3,7% nenhum critério é utilizado.

Segundo a psicopedagoga e professora Garcia (2007), devemos fazer uma selecção muito cuidadosa dos livros. Escolher livros que nós próprios gostamos e que possam atrair o interesse das crianças;

- a) Devemos preparar e praticar lendo o conto em voz alta antes de lê-lo em grupo, reunindo previamente todos os acessórios necessários e imaginando as perguntas ou situações que incentivem as crianças a participar;
- b) Antes de iniciar a sessão, podemos cantar uma canção simples para mostrar que vai começar o conto; devemos modular e modificar a voz, ser muito expressivo, utilizar técnicas de linguagem corporal;
- c) Não devemos ler depressa, para podermos dar tempo às crianças para formarem uma imagem mental do que se esta a passar no conto;
- d) Devemos mostrar os desenhos e as ilustrações do conto às crianças, para complementar a compreensão do conto e antecipar o que vai acontecer a seguir;
- e) Devemos seguir os textos com o dedo para ensinar às crianças que estamos a lê-los;

- f) Devemos fazer umas sessões participativas, contendo e esperando que as crianças completem uma frase ou participem com uma ideia preconcebida, em que podemos fazer-lhes algumas perguntas como «o que vai acontecer agora?», «onde foi?» ...
- g) Terminado a sessão da leitura, podemos colocar o livro num lugar visível de maneira a que as crianças o vejam e desejam voltar a lê-lo.

TABELA 10 - Critérios na escolha de contos

<i>Resposta</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentagem</i>
Depende do tema	22	81,5
Ao gosto das crianças	4	14,8
Nenhum critério	1	3,7
Total	27	100,0

Perante à questão, de como seria o comportamento das crianças quando escutam os contos, os sujeitos foram peremptórios, a grande maioria (92,6%) responderam que as crianças ficam atentas e 7,4% não responderam. Este dado demonstra de forma inequívoca que os contos são indispensáveis no processo educativo. Pois, o facto de as crianças permanecerem atentas quando confrontado está-se a transmitir atitudes importantes para a vida futura das mesmas.

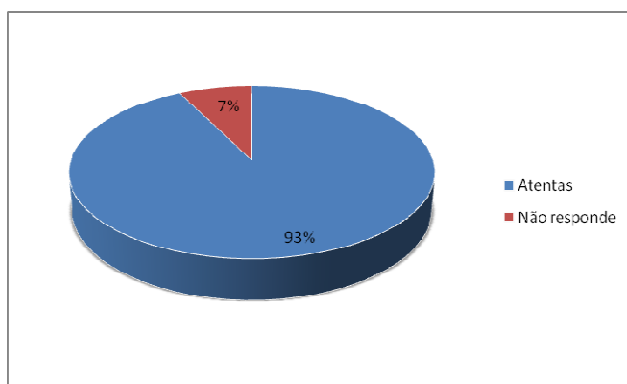


GRÁFICO 3 - Comportamento de crianças face aos contos

Segundo a tabela 12, 59,3% dos indivíduos que tomaram parte no presente estudo responderam que as crianças no final dos contos querem ouvir mais contos 29,6% querem que os contos sejam recontadas e 11,1% das crianças ficam radiantes.

TABELA 11 - Reacção das crianças no final dos contos

<i>Respostas</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentagem</i>
<i>Radiantes</i>	3	11,1
<i>Recontam</i>	8	29,6
<i>Querem ouvir mais</i>	16	59,3
Total	27	100,0

No que diz respeito à preferência na escolha dos contos por sexo as respostas dos sujeitos variaram conforme descrito na tabela acima indicada, 51,9% acham que não há preferência na escolha de contos 40,7% afirmaram que sim e 7,4% não responderam à questão.

TABELA 12 - Preferência na escolha dos contos por sexo

<i>Respostas</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentagem</i>
<i>Sim</i>	11	40,7
<i>Não</i>	14	51,9
<i>Não responde</i>	2	7,4
Total	27	100,0

Segundo a tabela 14, 11,1% da nossa população em estudo responderam que depende do tipo de contos, 7,4% responderam que as meninas são mais activas e fazem perguntas, e 3,7% responderam que as meninas transmitem com mais ênfase, e que os rapazes preferem contos agitados com muita acção.

TABELA 13 - Qual a diferença encontrada

<i>Resposta</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentagem</i>
<i>As meninas transmitem com mais ênfase</i>	1	3,7
<i>As meninas são mais activas e fazem perguntas</i>	2	7,4
<i>Depende do tipo de conto</i>	3	11,1
<i>Os rapazes preferem contos agitados com muita acção</i>	1	3,7
Total	27	100,0

De acordo com a tabela 15, a maioria (88,9%) dos indivíduos que tomaram parte no estudo atribuem muita importância aos contos no Pré-Escolar e 11,1% não responderam a questão. De acordo com Piaget (1967), “as crianças adquirem valores morais não só por internalizá-los ou observá-los de fora, mas por construí-los interiormente através da interação com o meio ambiente. Nesta fase, ouvir histórias (principalmente os contos), entre outras actividades, é possibilidade real de desenvolvimento e aprendizagem”.

TABELA 14- Importância atribuída aos contos

<i>Resposta</i>	<i>Frequência</i>	<i>Porcentagem</i>
<i>Muito importante</i>	24	88,9
<i>Não responde</i>	3	11,1
Total	27	100,0

De acordo com a tabela 16, 88,9% dos indivíduos inquiridos afirmaram estar satisfeitos com os contos abordados no jardim, 7,4% não estão satisfeitos e 3,7% não responderam à questão.

TABELA 15 - Satisfação face aos contos

<i>Resposta</i>	<i>Frequência</i>	<i>Porcentagem</i>
<i>Sim</i>	24	88,9
<i>Não</i>	2	7,4
<i>Não responde</i>	1	3,7
Total	27	100,0

Segundo a tabela 17, 7,4% da nossa população em estudo afirmaram não estarem satisfeitos, porque precisamos de introduzir contos tradicionais cabo-verdianos, 3,7% não responderam a essa questão

TABELA 16 - Justificação à questão anterior

<i>Resposta</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentagem</i>
<i>Introdução de contos tradicionais</i>	2	7,4
<i>Não responde</i>	1	3,7
Total	27	100,0

De acordo com a tabela 18, 88,9% dos inquiridos concordam que os contos contribuem na socialização das crianças, 11,1% não responderam à questão.

Segundo, Weikart e Hohmann (2003), de cada vez que um adulto lê uma história à criança começa a identificar as imagens, a ouvir as mesmas palavras na mesma ordem, a ganhar sentido da história, e apanhar o ritmo e a cadência da linguagem escrita. No dia-a-dia as crianças lêem as publicidades, escolhem os seus cereais favoritos por via da identificação das letras e das imagens das caixas e também descobrem os nomes dos restaurantes de comida e das lojas. Lêem a sua própria escrita, descobrem as letras de que precisam no teclado e lêem as suas histórias favoritas, baseando-se nas imagens e nas palavras que aprendem de cor. Todas essas abordagens são importante para descobrir significado no mundo dos materiais escritos e são experiências necessárias para preparar as crianças para a leitura.

TABELA 17 - Contribuição da mensagem dos contos para socialização das crianças

<i>Resposta</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentagem</i>
<i>Sim</i>	24	88,9
<i>Não responde</i>	3	11,1
Total	27	100,0

Segundo a tabela 19, 22,2% da nossa população em estudo não responderam a questão, quase 14,8% justificaram que ajudam as crianças a conhecer o bem e o mal, 7,4% que pode contribuir das mais variadas formas no desenvolvendo a comunicação oral, aumentando a imaginação, as crianças recontam umas as outras, facilita a compreensão e 3,7% das respostas são bastantes diferenciadas.

TABELA 18 - Justificação da resposta “sim”

<i>Respostas</i>	<i>Frequência</i>	<i>Porcentagem</i>
<i>Porque as crianças ficam experientes</i>	<i>1</i>	<i>3,7</i>
<i>Desenvolve oralidade expressividade criatividade</i>	<i>1</i>	<i>3,7</i>
<i>Desenvolve a comunicação oral</i>	<i>2</i>	<i>7,4</i>
<i>Aumento de convivência entre as crianças</i>	<i>1</i>	<i>3,7</i>
<i>Ajuda as crianças a conhecer o bem e o mal</i>	<i>4</i>	<i>14,8</i>
<i>Aumenta a imaginação</i>	<i>2</i>	<i>7,4</i>
<i>Contribui para o desenvolvimento dos valores morais</i>	<i>1</i>	<i>3,7</i>
<i>As crianças recontam umas as outros</i>	<i>2</i>	<i>7,4</i>
<i>Ficam mais atentas e interessadas</i>	<i>1</i>	<i>3,7</i>
<i>Histórias educativas e de acordo com o centro de interesse</i>	<i>2</i>	<i>7,4</i>
<i>Facilita a compreensão</i>	<i>2</i>	<i>7,4</i>
<i>Facilita a interpretação e o raciocínio</i>	<i>1</i>	<i>3,7</i>
<i>Enriquecimento de vocabulários</i>	<i>1</i>	<i>3,7</i>
<i>Não responde</i>	<i>6</i>	<i>22,2</i>
Total	27	100,0

De acordo com a tabela 20, 59,3% da população inquirida responderam positivamente que os contos contribuem para a socialização das crianças, 25,9 % responderam negativamente a essa questão e 14,8% não opinaram sobre à questão colocada.

Ainda Radino (2001), refere-se aos contos de fadas “como projecção de fantasias inconscientes, ajudam a elaborar conflitos inerentes ao processo de desenvolvimento e socialização e propiciam a construção de um sistema metafórico e simbólico e, por isso, são considerados como um rico instrumento pedagógico.” Mas os contos, embora pouco utilizados no dia-a-dia por professores de educação infantil, perdem sua função lúdica e estética quando

empregados como subsídios para actividades pedagógica e transformados em pretextos para tarefas escolares.

TABELA 19 - Sugestão dos inquiridos para socialização das crianças através dos contos

<i>Resposta</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentagem</i>
<i>Sim</i>	16	59,3
<i>Não</i>	7	25,9
<i>Não responde</i>	4	14,8
Total	27	100,0

Segundo a tabela 21, 44,4% da população inquirida não responderam a essa questão, 11,1% sugeriram adaptar a moral da história e explorar de acordo com a realidade vivenciada, interpretar, dramatizar e fazer reconto das histórias, 7,4% dessa população apresentaram as mais diversas sugestões.

TABELA 20 - Sugestão obtida dos inquiridos sobre contos perante resposta positiva a pergunta anterior

<i>Resposta</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentagem</i>
<i>Explorar muito bem a lição da história</i>	2	7,4
<i>Criação e publicação de contos infantis relativo a nossa cultura</i>	1	3,7
<i>Adaptar a moral da história e explorar de acordo com a realidade vivenciada</i>	3	11,1
<i>Ensinar contos no sentido de educar do ponto de vista ético - moral</i>	1	3,7
<i>Interpretação dramatização e reconto das histórias</i>	3	11,1
<i>Contar várias vezes por semana</i>	2	7,4
<i>Utilização de contos curtos com inovação</i>	1	3,7
<i>E uma prática muito importante para as crianças</i>	1	3,7
<i>Utilização de contos bíblicos</i>	1	3,7
<i>Não responde</i>	12	44,4
Total	27	100,0

Segundo a tabela 22, todos (100%) os sujeitos que fizeram parte da amostra deste estudo utilizam contos infantis nas suas actividades. Isso mostra o quanto a história é importante para as crianças tanto para a socialização quanto para a preparação da leitura.

TABELA 21 - Utilização dos contos nas actividades

Resposta	Frequência	Percentagem
<i>Sim</i>	27	100,0

Capítulo - IV - Considerações finais e conclusões

Conclusões

Com o culminar do presente estudo, em que o conto foi o cerne da questão apresenta-se, na sequência da análise dos resultados obtidos do trabalho experimental levado a cabo e da revisão da literatura, as seguintes conclusões:

- O conto é um género literário de difícil definição dependendo do tempo e diferentes culturas;
- É um género literário muito antigo, importante e cheio de poder e por isso havia restrições, regras e castigos: nem todas as horas e lugares serviam para se contar;
- O conto faz com que as crianças adquiram valores morais não só por internalizá-las ou observá-las de fora, mas por construí-los interiormente através da interacção com o meio ambiente; exercem um grande fascínio nas crianças, são caminhos de descobertas e compreensão do mundo; com a sua utilização as crianças aprendem sobre problemas interiores dos seres humanos e sobre as suas soluções e através delas que a herança cultural é comunicada às crianças, tendo uma grande contribuição para a sua educação moral;
- O conto consolida a relação afectiva entre pais e filhos, desperta o desejo das crianças e põe em acção a sua imaginação, e elas aprendem várias lições e a resolver os problemas com muita disposição;
- Nos jardins-de-infância da cidade da Praia apesar da maioria das monitoras (es) dedicarem à leitura de conto encontramos uma percentagem significativa de monitoras (es) que nunca tiveram formação relacionada com o conto. No nosso entendimento o conto é uma via por excelência de se alcançar determinados objectivos no campo de Educação de Infância, pelo que independentemente do nível de conhecimento o conto deve constar como matéria de formação;
- As monitoras (es) dos jardins-de-infância da cidade da Praia têm a noção clara que o conto deve ser utilizado nas mais diversas actividades do dia-a-dia, nomeadamente no momento de abordar a linguagem, higiene pessoal, dramatização, educação física, entre outros. Contudo apesar de fazerem valer do conto em diversas actividades a frequência

com que é utilizado é francamente irrelevante. Pois, o conto é crucial no cumprimento cabal das actividades, assim sendo deverá estar presente diariamente;

- O acto de contar contribui para desenvolver a capacidade de atenção das crianças. A atenção é uma das componentes crucial para o sucesso de qualquer tipo de actividade educativa quer seja ela sócio-afectiva motora ou cognitiva;
- O sucesso do desenvolvimento/aprendizagem na Educação Pré-escolar pode ser equacionado, em parte, pela forma como o conto é encarado. A sua importância é altamente reconhecida pelos monitores que tomaram parte no nosso estudo;
- O conto é um excelente via de socialização das crianças, tem poder para permitir as crianças aumentar a convivência com os seus semelhantes, ajudá-las a conhecer o bem e o mal, aumentar a imaginação, facilitar a compreensão da, realidade entre outros fenómenos sociais indispensáveis na vida social.

Como conclusão final pode-se afirmar que as hipóteses formuladas se confirmaram na sua generalidade.

Recomendações

Pensamos ser necessário deixar aqui algumas recomendações:

- ❖ Ao longo do trabalho viu-se que o conto é importante, mas não é utilizado com frequência, que os agentes tomassem mais atenção a isso;
- ❖ Pôr na prática o acto de contar o conto diariamente, nas planificações para que seja uma actividade mais regular na aprendizagem das crianças;
- ❖ Contar às nossas crianças, também, histórias tradicionais para que possam conhecer mais a nossa realidade;
- ❖ Levar as crianças mais vezes ao cantinho de leitura e deixá-las explorar mais os livros principalmente de história.

Bibliografia

- ABRAMOVICH, F.(1997) *Literatura Infantil*. 5ª ed.Editora Scipione Ltda.
- AMADO, A.(2004) *Módulo Planificação em Educação de Infância* (Colectânea de textos) Instituto Pedagógico da Praia.
- Bettelheim, B. (1999). *Psicanálise dos Contos de Fadas*. Trad. de Carlos da Silva. Bertrand, LDA; Lisboa.
- BEE, H. (1996). *A Criança em Desenvolvimento*. Trd. Maria Adriana Veríssimo Veronese. - 7.ed.-Porto Alegre: Artes Médicas
- BELL, J. (2004). *Como Realizar Um Projecto De Investigação*. Lisboa, Gradiva.
- BRANDÃO, A. (1995). *A presença dos irmãos Grimm na literatura infantil e no folclore brasileiro*. São Paulo. Ibrasa (Biblioteca Literatura e Arte, 75)
- Conselho de Ministros (2010). *Decreto-Legislativo nº2/2010 de 7 de Maio*. Boletim Oficial 1ª Série, nº17
- COELHO, N. (2003). *O Conto de Fadas; Símbolos, mitos e Arquétipos*. São Paulo: DCL.
- CARVALHO, B.(1985). *A literatura infantil, Visão histórica e crítica*.4ª ed. São Paulo: Global Editora. (Série Crítica e Teoria Literária).
- GIANNI, R. (2004). *Gramática da Fantasia*. Lisboa, Ed.Caminho.
- GUERREIRO, M.(1978) *Para a história da literatura popular portuguesa*.s.1. Instituto de cultura portuguesa. (Biblioteca Breve; Série Literatura, 19)
- HILL, M. e HILL, A. (2008) *Investigação por Questionário*. 2ª ed. Lisboa.
- HOHMANN, Mary e WEIKART, David (2003) *Educar a Criança*, 2ª ed. Fundação Calouste Gulbenkian.
- JESUALDO. (1993) *A literatura infantil*. 9ª.ed. São Paulo: Cultrix.
- LOPES, Cristina Ana e REIS CARLOS. (s/d) *Dicionário de Narratologia*. 7ªed.
- LOPES, E. e GOUVÉA, M.(1999). *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: A autêntica.

MINISTÉRIO da Educação e dos Desporto, Secretaria de Educação Fundamental (1998).“Introdução”. *Referencia curricular nacional para educação infantil*. Brasília, v.1, MED/SEF

PROPP, V. (2000). *Morfologia do Conto*, 2º ed. Lisboa: Vega Editora.

REGO, B. (1990). *Literatura infantil: uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola*. São Paulo, FTD.

REBELO, D. e DINIZ, M. (s/d) *Falar Contigo*. Lisboa, ed. Caminho.

REVISTA PAIS & FILHOS. *O Processo de Aquisição da Linguagem é Um Mistério Espantoso* (Setembro de 2005, pág.35). Lisboa.

REVISTA EDUCADORES de INFÂNCIA. *Conto “Cajó” aprende as cores* (Outubro de 2007, pág. 22/23) Sintra.

SOUSA, E.(2005) *Educação Pré-Escolar em Cabo-Verde*. Ministério da Educação. Praia

SHAVIT, Z. (2003). *Poética da Literatura para Criança*. Trd. Ana Fonseca, ed. Caminho.

VYGOTSKY, L. S (1987). *Pensamento e linguagem*. Trad. Jéferson Luiz Camargo. São Paulo, Martins Fontes.

ZILBERMAN, R. (1988). *Literatura infantil brasileira; História e história*, 2ª ed. São Paulo. Série Fundamentos.

SITOGRAFIA

Disponível em [http://recoantodasletras. Uol.com.br/artigos/746604](http://recoantodasletras.Uol.com.br/artigos/746604) acessado 10/07/10

Disponível em <http://citadorwebloy. Com.pt/arquivo/007928.html> acessado 10/07/10

Disponível em <http://www.ricoi. Org/jano/23985 abino.pdf> acessado 21/07/10

Disponível em <http://www.ufpa.br/beiradorio/arquivo/beira087noticia8.htm> acessado 04/01/10

Disponível em <http:// citador Webloy.compt/arquivo/007928.html>

Anexo

Anexo 1 – Pedido de Autorização Para Aplicação do Questionário

UNIVERSIDADE DE CABO VERDE

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA

Exma. Senhora

Directora do Jardim

Para o término da nossa licenciatura, vamos fazer uma monografia cujo tema é os contos infantis e as crianças do pré-escolar nos jardins-de-infância da cidade da Praia.

Neste sentido, preciso de recolher informações no estabelecimento, que Vossa Excelência dirige. Assim, viemos por este meio solicitar a autorização para a aplicação de um questionário às monitoras do Vosso jardim.

Aproveito a oportunidade para informar, que o questionário é anónimo, e que os dados são confidenciais, sendo apenas utilizados para efeitos desta pesquisa e todos os questionários serão destruídos após a análise dos dados.

Antecipadamente, agradeço a Vossa compreensão e colaboração.

-Maria Júlia Moreira

Contacto: 9863967

Anexo 2- Questionário

Universidade de CABO VERDE

Departamento de Ciências Sociais e Humanos

Licenciatura em Educação de Infância

O presente questionário destina-se às Educadores e Monitores dos jardins- de- infância da cidade da Praia. Enquadra-se no âmbito do trabalho de fim de curso para a obtenção do grau de licenciatura em Educação de Infância, sob o tema”Os contos infantis e as crianças do pré – escolar nos jardins -de- infância da cidade da Praia ”.

Os dados levantados deste questionário serão tratados confidencialmente e usados exclusivamente, para o presente estudo.

Dado a importância desta investigação solicitamos a sua total colaboração pelo que agradecemos antecipadamente a colaboração prestada.

/Maria Júlia Tavares Moreno Moreira/

Responda todas as perguntas, assinalando com x nos quadrados a resposta correcta e escreve sobre as linhas as resposta corresponde.

1-Género: (assinala com x a resposta correcta)

1.) Masculino ☐

1.2) Feminino ☐

2-Idade:

2.1) 18 a 23 ☐ 2.2) 24 a 29 ☐ 2.4) 36 a 41 ☐ 2.5) + de 41 ☐

3- Nível de escolaridade:

3.1) 12º ano ☐ 3.2) Instituto pedagógico ☐ 3.3) Bacharelato ☐
3.4) Licenciatura ☐ 3.5) Outros ☐ 3.6) Qual _____ ☐

4- Morada _____ (escreva a tua morada)

5- Alguma vez teve formação sobre contos infantis? (assinala com x a resposta escolhida)

5.1) Sim ☐ 5.2) Não ☐

6- Tem hábito de ler contos infantis?

6.1) Sim ☐ 6.2) Não ☐

7- Quando leu o último livro de Contos Infantis?

7.1) Uma semana atrás ☐ 7.2) Quinze dias atrás ☐ 7.3) Um mês atrás ☐
7.4) Não se lembra ☐ 7.5) Outros _____ 7.6) Qual _____

8- Nas actividades com as crianças utiliza Contos?

8.1) Sim ☐ 8.2) Não ☐

9- Quantos vezes por semana?

9.1) Uma vez ☐ 9.2) Duas vezes ☐ 9.3) Todos os dias ☐

9.4) Outro _____ 9.5) Qual? _____

10- Qual tipo de Contos costuma utilizar?

10.1) Histórias ouvidas quando criança ☐ 10.2) Histórias que inventadas ☐

10.3) Histórias tiradas dos livros ☐ 10.4) Outros _____ 10.5) Qual? _____

11- Quando costuma recorrer aos Contos?

11.1) Quando vai começar uma actividade ☐ 11.2) Quando as crianças solicitarem ☐

11.3) Quando achar necessário ☐ 11.4) Quando for planificado ☐

11.5) Outros _____ 11.6) Qual? _____

12- Que critério costuma utilizar na escolha Contos?

12.1) Depende do tema ☐ 12.2) Ao gosto das crianças ☐ 12.3) Nenhum critério ☐

12.4) Outros _____ 12.5) Qual? _____

13- Como comportam as crianças quando escutam os contos?

13.1) Atentas ☐ 13.2) Desinteressadas ☐ 13.3) Distraídas ☐

13.4) Outro _____ 13.5) Qual? _____

14- No final de cada Conto como reagem as crianças?

14.1) Ficam indiferentes ☐ 14.2) Radiantes ☐ 14.3) Recontam ☐

14.4) Querem ouvir mais ☐ 14.5) Outro _____ Qual? _____

15- Nota diferença em termos de preferência na escolha de Contos entre meninas e meninos?

15.1) Sim ☐

15.2) Não ☐

16- Se sim, indique uma: _____

17- Que importância atribui aos Contos na socialização das crianças no pré-escolar?

17.1 Muito importante ☐

17.2) Importante ☐

17.3) Pouco importante ☐

18- Está satisfeita como os Contos que são abordados às crianças no pré-escolar?

18.1) Sim ☐

18.2) Não ☐

18.3) Não sabe ☐

19- Se não porquê? _____

20- Na sua opinião os Contos utilizados no jardim-de-infância onde trabalha contribuem para a socialização das crianças?

20.1) Sim ☐

20.2) Não ☐

21- Tem alguma sugestão que possa contribuir para que os Contos no jardim onde trabalha contribuam para a socialização das crianças?

21.1) Sim ☐

21.2) Não ☐

22- Se a resposta for sim, indique uma _____

